



New Trends in
Qualitative
Research



VOLUME 21 | Nº 1

DOI:

<https://doi.org/10.36367/ntqr.21.1.2025.e1203>

Miriam Telma Silva Soares

Manuel Duarte Mendes Monteiro Laranja

Data de submissão: Março, 2024

Data de avaliação: Maio, 2024

Data de publicação: Janeiro, 2025

O PRÓXIMO *DESIGN* DE MODELO SOCIOECONÓMICO ALTERNATIVO E SUSTENTÁVEL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

RESUMO

Nos últimos anos, temos assistido à deterioração da natureza devido às atividades humanas, alavancada pelos incentivos do modelo socioeconómico capitalista. Torna-se premente repensar este modelo, de forma a adequar ou permutar por um modelo compatível com a transformação necessária para atingir o equilíbrio. Esta investigação visa compreender se o *design* Restaurativo pode ser tendência para o desenvolvimento de modelos socioeconómicos, alternativos e sustentáveis, na literatura existente. Realizou-se uma Revisão Sistemática da Literatura, uma abordagem de natureza qualitativa, com a técnica de análise de conteúdos, para compreensão de 64 artigos selecionados. Apesar do *design* Verde, que promove a otimização da utilização de recursos naturais e utilização de energias renováveis, constituir uma abordagem aparentemente dominante, os modelos de *design* Restaurativo, que propõem restabelecer a plenitude do meio ambiente, apresentam indícios de tendência de desenvolvimento dominante. Neste *design* verificaram-se debates acerca do Decrescimento da Economia e outras alternativas ao Capitalismo. Já nos *designs* Verdes, os debates relacionam-se com Economia Circular e Economia Verde. A literatura Verde foca-se na transição, e sustentabilidade e compatibilidade com o Capitalismo, na Economia Circular. A literatura Restaurativa discute a exequibilidade do Decrescimento e apresenta visões alternativas. O conteúdo prático e o papel do estado constituem boas oportunidades de pesquisa futura. Este estudo contribui para a compreensão da literatura existente e motivar pesquisas futuras relacionadas com o desenvolvimento de modelos socioeconómicos alternativos sustentáveis. Espera-se que esta investigação possa inspirar novas combinações de correntes de pensamento e desenvolvimento de novos modelos socioeconómicos.

Palavras-Chave

Economia Verde; Economia Circular; Economia Restauradora; Decrescimento da Economia; Pós-Capitalismo.

THE NEXT ALTERNATIVE AND SUSTAINABLE SOCIO-ECONOMIC MODEL: A SYSTEMATIC LITERATURE REVIEW

Abstract

Over the years, we have experienced the deterioration that human actions have caused on the planet, leveraged by the incentive of the socio-economic capitalist model. At this point, it's urgent to rethink the socio-economic model that we live in and adapt or replace it with a new one compatible with the so-long desired balance between human and environment. This study aims to understand if Restorative Design could embody a trend for the alternative and sustainable socio-economic models in the existing literature. To achieve that, a Systematic Literature Review was executed, and the 64 selected papers were analyzed using the content analysis technique. Green Designs, arguing for natural resource use optimization and the use of renewable energy sources, seem to be the prevailing design. However, there's strong evidence that Restorative Design, aiming to replenish harmony with nature, may be as important. Under this design, debates related to Degrowth and other socio-economic models as alternatives to Capitalism were identified. On the other hand, in Green Design, the debates focused on Circular Economy and Green Economy. Green literature focuses on transition, and sustainability and compatibility with Capitalism, in the Circular Economy. Restorative literature discusses degrowth feasibility and presents alternative approaches. The practical content and the role of the state are good opportunities for future research. This study contributes to future research related to the development of sustainable and alternative socio-economic models. Hopefully, this research may encourage new ways of thinking, inspiring new connections, and new socio-economic models.

Keywords

Green Economy; Circular Economy; Restorative Economy; Degrowth; Post-capitalism.

1. Introdução

As atividades humanas impactam significativamente o meio ambiente, e os esforços são uma ilusão (Asara et al., 2015), estando ultrapassados quatro em nove limites planetários (Steffen et al., 2015). Estes desequilíbrios não têm contribuído para o enriquecimento das pessoas, considerando o aumento das desigualdades sociais (Piketty, 2015 citado por Asara et al., 2015). O crescimento da economia não implica maior criação de riqueza, principalmente quando se prejudica o ecossistema (Jackson, 2009 citado por Krueger et al., 2018). As necessidades básicas da população, como acesso a cuidados de saúde, comida ou energia, não estão garantidas (Raworth, 2017).

1.1 Modelos Atuais vs. Alternativas Sustentáveis

Na maioria dos países vigora um sistema capitalista misto, combinando economia de mercado com regulação estatal (International Monetary Fund, 2023). Definido como um sistema económico em que privados detêm e controlam ativos, o Capitalismo (C) conta com a mão invisível (de Adam Smith) para alinhar mercado com os melhores interesses da sociedade (Scott, 2006). O crescimento económico (CE), fruto da produção excessiva (Pineault, 2019), resulta nesta catástrofe ambiental. Segundo Trainer (2017) aproximamo-nos da maior quebra do C, originando duas crises (Sklair, 2002): polarização das classes e crise ambiental, com o consumo a conduzir à sobre-exploração de recursos naturais (Sklair, 2002). Em alguns países, adotaram-se Modelos Socioeconómicos (MSEs) alternativos, como socialismo ou comunismo, com controlo democrático social dos meios de produção (Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2023), com o estado social descentralizado de Marx, e redistribuição (Callinicos, 2011).

Movimentos para endereçar a crise ambiental (e social) surgem, como Economia Verde (EV), Economia Circular (EC), Decrescimento da Economia (DE): uma EV com eficiência de recursos (UNEP, 2011, citado por Nações Unidas, 2022a) coexistindo com o C, através de crescimento verde (Nações Unidas, 2022b); uma EC com redução de resíduos através da reutilização, extensão da vida útil de produtos, constituindo a circularidade (Parlamento Europeu, 2023), mas com risco das eficiências conduzirem ao aumento do consumo - “Efeito Ricochete” (Zink & Geyer, 2017); um DE com redução planeada da movimentação de energia e recursos, não necessariamente redução de PIB, com intuito de harmonizar sociedade e ambiente, e reduzir desigualdades (Hickel, 2021), desafiando o paradigma do crescimento, apesar da instabilidade com provável desemprego e crise fiscal (Jackson, 2009 citado por Kallis et al., 2012). É debatido se o decrescimento pode ocorrer no C, ou se só pode ser atingido em sociedades pós-capitalistas (Hankammer et al., 2021).

1.2 Restauração do ambiente

Para a transformação necessária para a sustentabilidade, surgem conceitos como “Restauração”. Define-se como “ato ou processo de devolver algo à sua condição anteriormente boa” (Cambridge Dictionary, 2023). Permitiria um “Desenvolvimento Restaurador”, i.e. orientação das atividades económicas para a devolução das estruturas a uma melhor condição anterior através da reparação

(Cunningham, 2002); sendo aplicada numa “Economia de Restauração”, transformando ativos existentes num estado mais saudável/funcional, contribuindo para o CE (Cunningham, 2002). A “Restauração” é parte do Modelo da Trajetória de Designs Ecológicos (MTDE) de Mang & Reed (2018), integrando modelos com procura e restabelecimento da manutenção da plenitude (Mang & Reed, 2018). O MTDE reúne os tipos de desenvolvimento sustentável ao longo do tempo (técnicos e ecológicos) com a regeneração como objetivo último. Reed (2007) defende uma mudança urgente das nossas relações com o planeta, pensando sistemas inteiros de seres vivos, sociais, com consciência, relacionando-se entre si de forma dinâmica, ao invés do foco em sistemas técnicos e económicos.

2. Metodologia

O estudo seguiu as diretrizes de uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL) nas etapas de investigação: planeamento, recolha, seleção, análise, documentação. A questão e objetivos de investigação aportam complexidade devido à dificuldade de comparação entre modelos. A RSL permitiu a consolidação de conhecimento e compreensão abrangente do trabalho relevante (Williams et al., 2021). Com esta metodologia procurou-se garantir rigor, adotando protocolos transparentes e replicáveis (Williams et al., 2021). Na categorização dos dados e comparação de abordagens, utilizou-se o MTDE de Mang & Reed (2018).

2.1 Planeamento

O planeamento e execução da RSL basearam-se no modelo de Williams et al. (2021) da Figura 1.

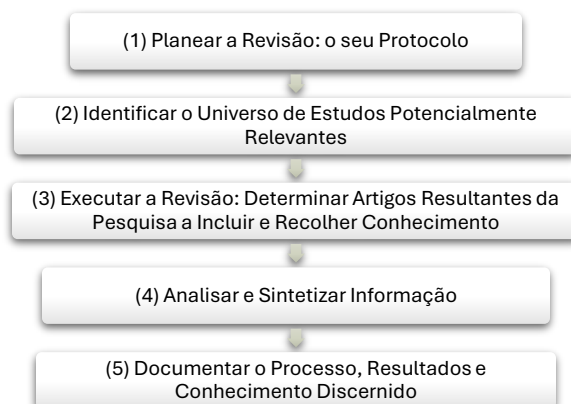


Figura 1. Modelo de RSL (Williams et al., 2021)

2.1.1 Objetivos de Investigação

A compreensão das alternativas sustentáveis demonstra-se complexa. A literatura revela-se fragmentada, com diferentes abordagens e conceitos, de desafiante comparação, mas necessária, considerando os crescentes processos de transição para a sustentabilidade e preocupações ambientais e sociais emergentes. Com este estudo procurou-se endereçar a questão de investigação: Terão os próximos MSEs alternativos e sustentáveis um Design Restaurativo (DR), segundo o MTDE?

Esta formulação foi um processo iterativo, tendo em consideração o âmbito do estudo e modelo de análise adotado (secção **Erro! A origem da referência não foi encontrada.**). Definiram-se os seguintes objetivos de pesquisa:

- a. Identificar abordagens socioeconómicas alternativas e sustentáveis na literatura recente
- b. Categorizá-las de acordo com o MTDE
- c. Compreender tendências e abordagens dominantes

2.1.2 Estratégia de Pesquisa

Utilizou-se a plataforma B-on (<https://www.b-on.pt/>) com vista à redução de viés, considerando a vasta gama de revistas académicas indexadas a bases de dados como Elsevier, Taylor & Francis, Wiley, Sage Premier, Springer, Web of Science ou Science Direct. Os artigos a considerar foram aqueles publicados em revistas académicas, alvo de avaliação de forma a garantir qualidade, publicados em inglês, num período recente - janeiro 2019 a agosto 2022 (ajustado gradualmente mediante volume de resultados).

Mediante a recolha de amostras, com base nos 4 critérios-base acima, ajustaram-se as palavras-chave ao longo de 9 revisões: definiram-se palavras-chave a incluir para expandir âmbito (1ª-3ª), e a excluir para direcionar resultados (3ª-9ª). Na última revisão, testou-se o mecanismo de pesquisa, através da recolha aleatória de uma amostra de 5% (n=35) dos 659 artigos resultantes do mecanismo de pesquisa. Analisaram-se resumos e aplicaram-se critérios de inclusão e exclusão (secção 2.1.3) definidos até então, selecionando-se 20% (n=7) da amostra, uma proporção satisfatória, e, portanto, um mecanismo de pesquisa suficientemente refinado.

O mecanismo de pesquisa final contou com mais de 80 termos de inclusão e 700 de exclusão, aplicados às secções de título e resumo. A inclusão focou-se em termos direcionados para MSE alternativos e sustentáveis; excluíram-se termos não relacionados ou focados em Política e Religião, Indústria e Negócios, áreas do conhecimento como Medicina, Engenharia, Biologia, Sociedade e Estilo de Vida, componentes do Meio Ambiente, Tecnologias Específicas ou Regiões do Globo.

2.1.3 Critérios de Inclusão e Exclusão

Definiram-se critérios de Inclusão e Exclusão para seleção dos artigos relevantes, considerando âmbito do estudo, questão de investigação e modelo de análise de dados (secção **Erro! A origem da referência não foi encontrada.**). No seguimento do teste do mecanismo de pesquisa, reviram-se critérios de inclusão e exclusão e priorizou-se, organizando-se a versão final na Figura 2: critérios de inclusão na parte de cima, critérios de exclusão na parte de baixo do esquema.

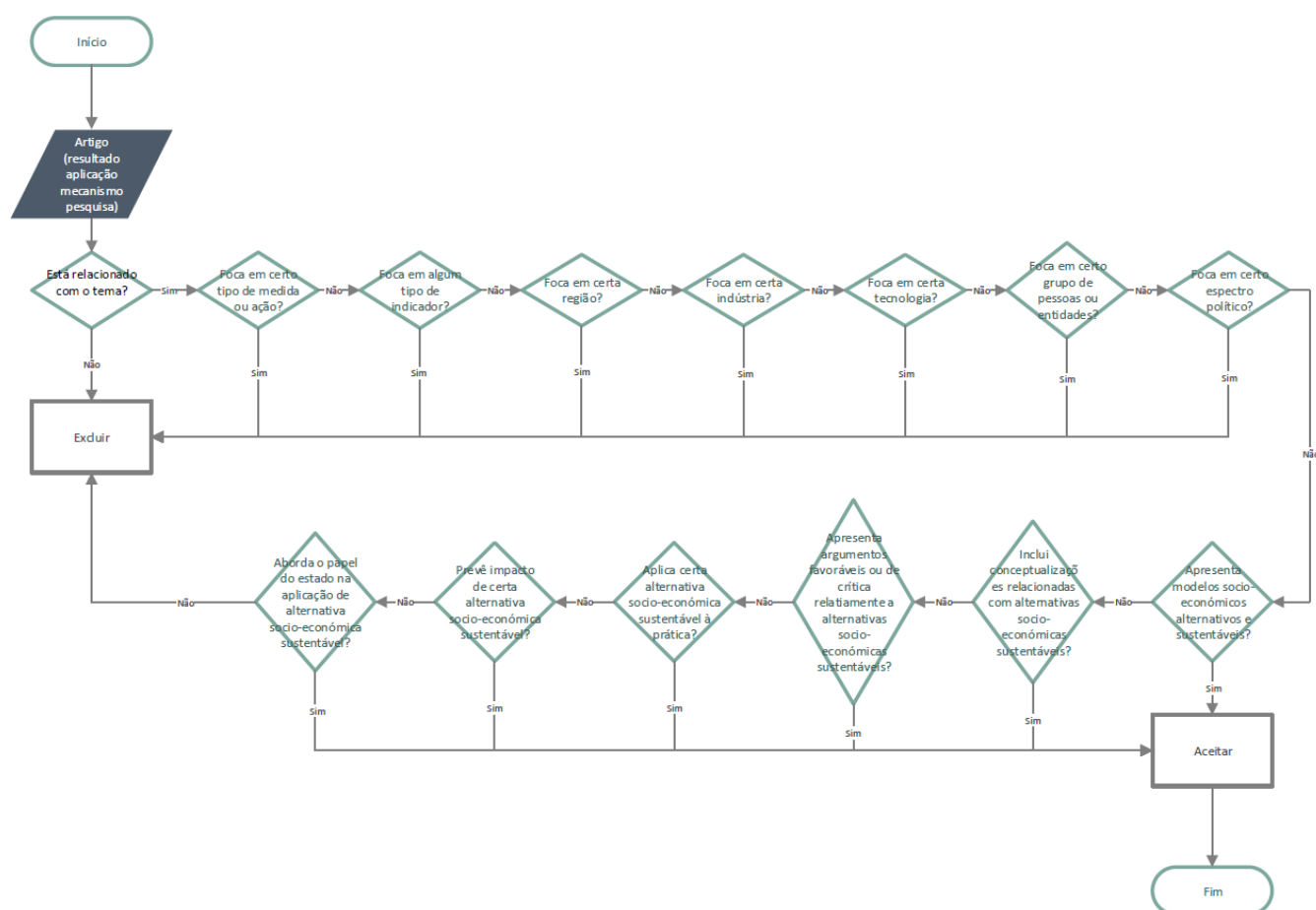


Figura 2. Critérios de Inclusão e Exclusão de Artigos

2.1.4 Estratégia de Análise

Definiu-se o processo de análise e seleção de artigos (Figura 3), com base na amostragem de teste do mecanismo de pesquisa.

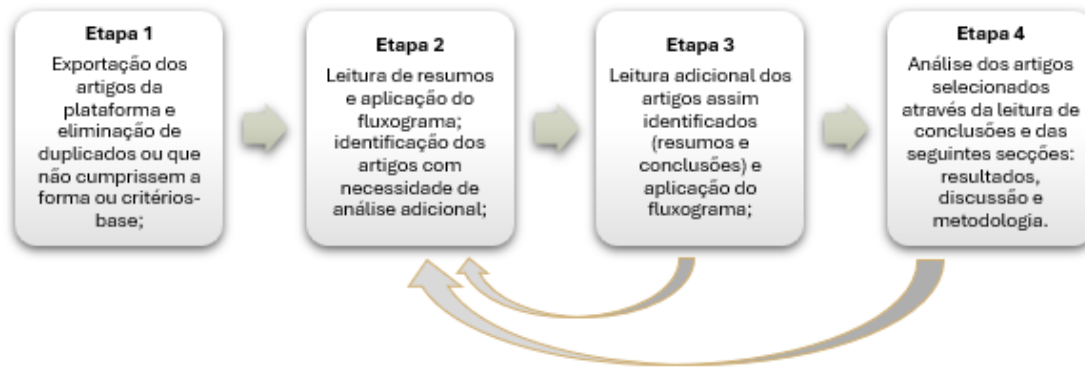


Figura 3. Processo de análise e seleção artigos

O MTDE de Mang & Reed (2018)- Figura 4 – permitiu a análise dos dados recolhidos. Os designs nos quadrantes à esquerda apresentam abordagens de sustentabilidade técnica, enquanto à direita, focam-se em abordagens de sustentabilidade ecológica. À medida que os modelos se aproximam da sustentabilidade ecológica, a energia necessária e os custos iniciais e operacionais do modelo são menores. A utilização do MTDE permitiu comparar abordagens e endereçar a questão de investigação.

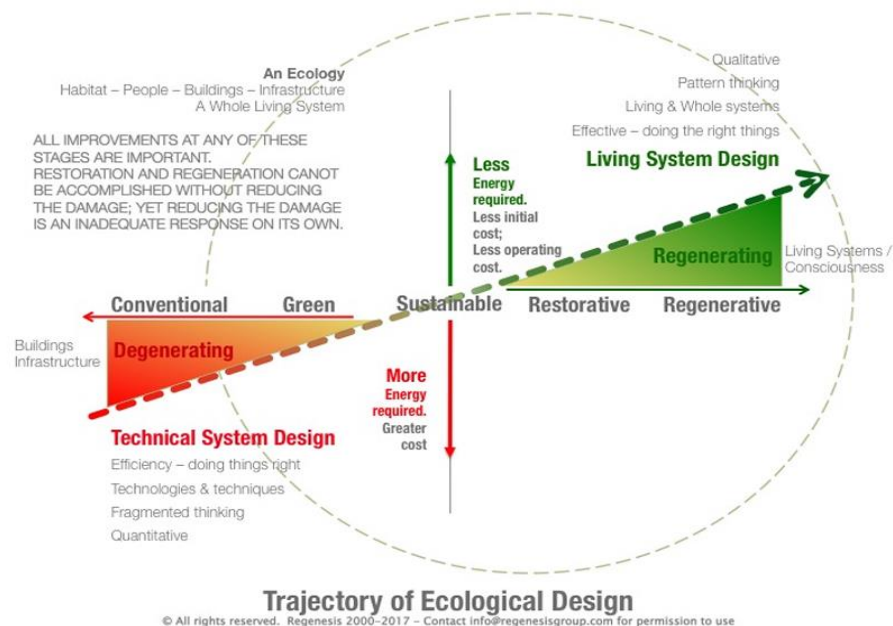


Figura 4. Modelo Trajetória do Design Ecológico (Mang & Reed, 2018)

Com base neste modelo, conceptualizou-se cada design para categorização dos modelos encontrados (Tabela 1).

Tabela 1. Conceptualização das Categorias segundo Mang & Reed (2018)

Categorização	Descrição	Características-chave
Design Convencional	Modelos com foco nas infraestruturas da sociedade. Têm um design técnico. Procuram a eficiência, utilizando tecnologias e metodologias. Caracterizam-se por pensamento fragmentado e estudos maioritariamente quantitativos.	- Foco em infraestruturas da sociedade - Eficiência através tecnologias/metodologias - Pensamento fragmentado
Design Verde (DV)	Modelos com foco nas infraestruturas da sociedade, com menor utilização de energia e menor custo que os convencionais. Tem um design técnico. Procuram a eficiência, utilizando tecnologias. Procuram uma utilização eficiente de recursos e de energias renováveis.	- Foco em infraestruturas da sociedade - Eficiência através tecnologias e utilização eficiente de recursos - Procura por energias renováveis
Design Sustentável	Modelos que assumem aproximação do homem à natureza e valorizam o papel desta. Procuram integração da natureza nos processos humanos, com maior eficiência percebida nos primeiros.	- Foco em aproximação do homem-natureza - Eficiência através da integração homem-natureza - Processos humanos mimizam o funcionamento da natureza
Design Restaurativo (DR)	Modelos que contribuem para um sistema vivo consciente, integrado. Têm um design ecológico. Procuram a plenitude e restabelecimento da capacidade de manter essa plenitude. Os seres humanos são forças motrizes na transição, papel extinto assim que o equilíbrio é atingido.	- Foco num sistema vivo consciente - Equilíbrio através da integração homem-natureza - Restabelecimento da capacidade de manter a plenitude - Seres humanos como parte integrante da transição
Design Regenerativo	Modelos que promovem a integração entre o sistema de vida humana e natureza. Requerem menos energia e custo que os restantes. Têm um design ecológico. Procuram efeitos mutuamente positivos e co-evolução (Mang & Haggard, 2016 e Hes & DuPlessis, 2015 citado por Mang & Reed, 2018). O desenvolvimento humano e suas estruturas são reconhecidas como parte do ecossistema, culminando em “biobecoming”.	- Foco num sistema vivo consciente - Equilíbrio através da integração homem-natureza - Efeitos mutuamente positivos e co-evolução - Estruturas humanas como parte do ecossistema

2.2 Execução da RSL

Identificaram-se os artigos potencialmente relevantes através da aplicação do mecanismo de pesquisa na plataforma B-on e dos quatro critérios-base de pesquisa. Após eliminação dos duplicados, identificaram-se aqueles potencialmente relevantes, concluindo a fase de recolha de dados (Etapa 1, Figura 3). Iniciou-se, posteriormente, a execução da RSL pelo investigador principal. Deu-se início à seleção de dados (Etapa 2, Figura 3), analisando-se os resumos, aplicando-se os critérios de Inclusão e Exclusão (Figura 2): excluíram-se os artigos sempre que, no resumo (ou conclusões na Etapa 3), fosse identificado um dos critérios de exclusão; incluíram-se os artigos sempre que, no resumo (ou conclusões na Etapa 3) mencionasse o foco num dos critérios de inclusão. Não tendo sido excluído pelos critérios de exclusão, mas não sendo elegível nas categorias de inclusão, considerou-se como não relacionado, sendo excluído (residual). Catalogaram-se em “incluir”, “excluir pelo critério x” ou “em análise”, sendo revistas 2 vezes de forma independente, e a análise adicional de forma contínua.

Por fim, realizou-se uma última revisão em paralelo com a análise de cada artigo, continuamente. Identificaram-se 64 artigos a incluir no estudo. O volume de artigos por etapa está apresentado na **Erro! A origem da referência não foi encontrada..**

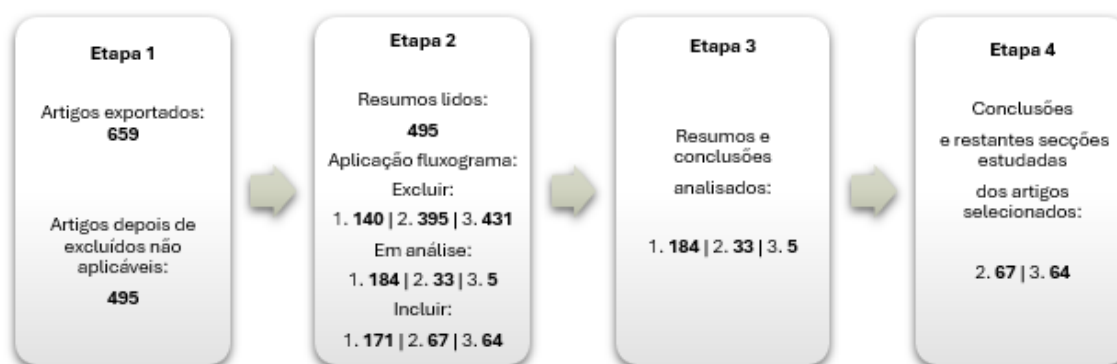


Figura 5. Processo de análise e seleção artigos em números

Iniciou-se, posteriormente, a análise dos dados, através do método dedutivo. O universo de estudos demonstrou relevância e conhecimento existente para endereçar a questão de investigação, comprovando a adequabilidade deste método (Mayring, 2014). A categorização seguiu o processo da Figura 3 e os designs da Tabela 1 e, a análise, as regras de codificação dos dados (Costa & Amado, 2018) inspiradas na definição dos designs (**Erro! A origem da referência não foi encontrada.**).

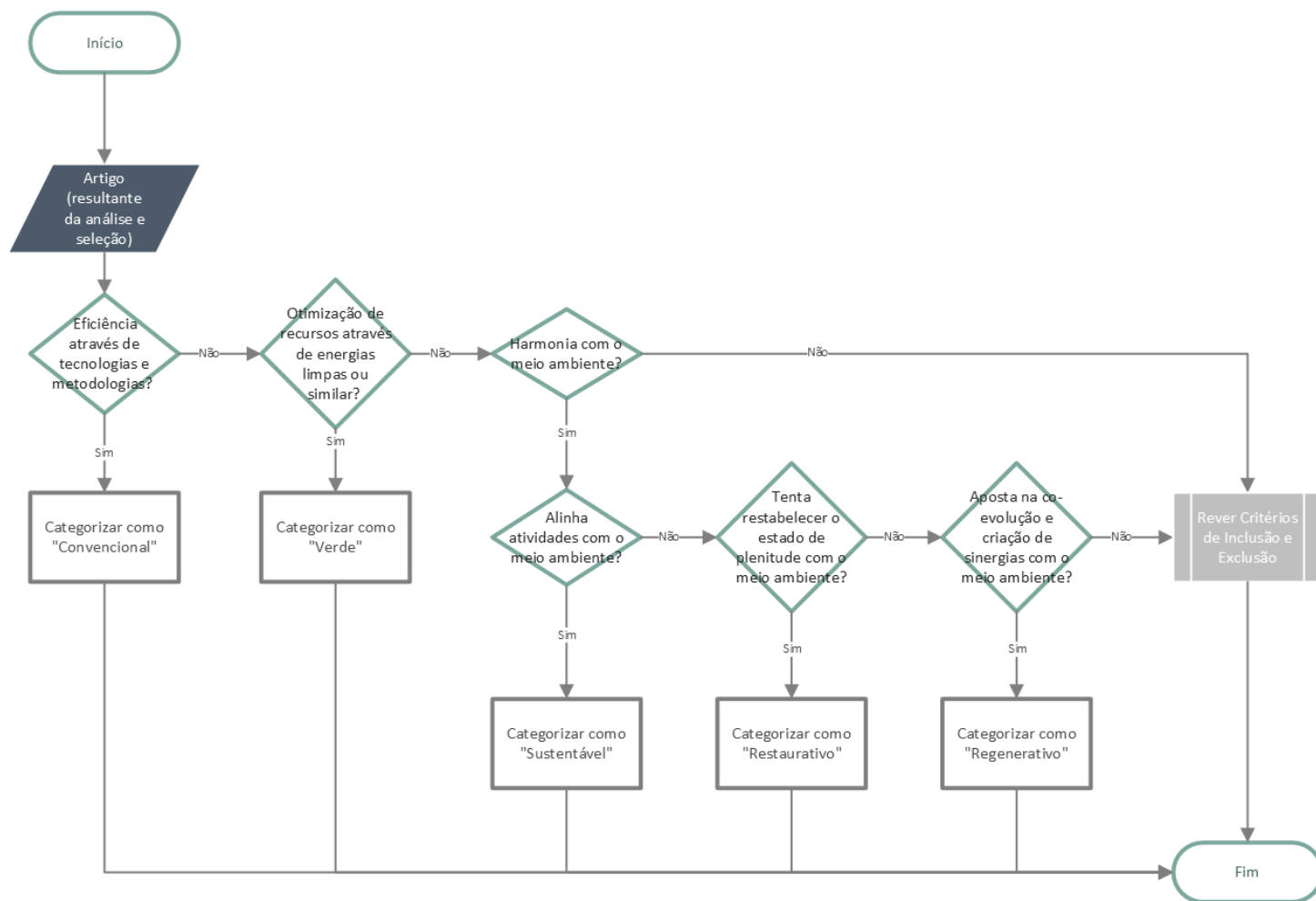


Figura 6. Regras de Codificação para Categorização dos artigos

Através da leitura e compreensão das secções ou equivalentes, pela seguinte ordem, registando-se as ideias-chave, analisaram-se resumo, conclusões, resultados, discussão e, se necessário, metodologia, procurando-se, para cada artigo, enquadrá-lo nas regras de codificação da **Erro! A origem da referência não foi encontrada..** Mediante o tipo de conteúdo, influenciado pelos critérios de inclusão (modelo, conceptualizações, debate, aplicações à prática, transições, etc.), a codificação tornou-se mais ou menos direta, pressupondo-se os conceitos implícitos.

Após esta categorização, com análise textual, relacionou-se o conteúdo entre artigos para compreender correntes de pensamento numa categoria.

Para além da catalogação de artigos mediante o critério de inclusão, identificaram-se ideias similares, constituindo a sub-categoria. Quando várias ideias se cruzavam, identificou-se a predominante, criando-se sub-categorias adicionais. As categorizações e sub-categorizações foram revistas continuamente.

3. Resultados e Discussão

A crise ambiental tem sido debatida, não havendo soluções socioeconómicas eficazes de longo prazo. A literatura de MSEs Alternativos Sustentáveis é dispersa, propondo-se este estudo identificar tendências, investigando se o desenvolvimento de DRs é predominante. Esta secção apresenta os resultados da execução da RSL. A Tabela 2 faz corresponder artigos analisados à categorização de design.

Tabela 2. Categorização de cada Artigo-Resultado

Artigos	Categoria dos Modelos				
	Convencional	Verde	Sustentável	Restaurativo	Regenerativo
Adloff & Neckel (2019)					x
Feola & Jaworska (2019)			x		
Finley (2019)					x
Gazzola et al. (2019)		x			
Köhler et al. (2019)			x		
Mulvale (2019)				x	
Neag & Halmaghi (2019)			x		
Rezny et al. (2019)	x				
Sato & Soto Alarcón (2019)					x
Schmid (2019)					x
Schneider et al. (2019)		x			
Schröder et al. (2019)				x	
Singh et al. (2019)					x
Thygesen (2019)					x
Tóth (2019)		x			
Vandeventer et al. (2019)				x	
Weigend Rodríguez et al. (2019)		x			
Zink (2019)					x
Akamani (2020)			x		
Albert (2020)				x	

Artigos	Categoria dos Modelos				
	Convencional	Verde	Sustentável	Restaurativo	Regenerativo
Ansari et al. (2020)				x	
Bithas (2020)			x		
Brand et al. (2020)		x			
Clune & Zehnder (2020)			x		
Ford & Kuetting (2020)				x	
Grace (2020)		x			
Hirvilammi (2020)					x
Kostetska et al. (2020)			x		
Lin (2020)		x			
Mihăilă et al. (2020)		x			
Pamukçu (2020)		x			
Pichler et al. (2020)				x	
Slusariuc & Nimară (2020)		x			
Tuğaç (2020)		x			
Weber & Weber (2020)	x				
Yeshchenko et al. (2020)			x		
Adloff (2021)					x
Banerjee et al. (2021)					x
Bärnthaler et al. (2021)				x	
Byers & Gilmer (2021)		x			
Cantone et al. (2021)				x	
de Vries et al. (2021)		x			
Esteves et al. (2021)					x
Ferraz et al. (2021)			x		
Hankammer et al. (2021)				x	
Hinderer et al. (2021)		x			
Mikhno et al. (2021)		x			
Nicoson (2021)				x	
Pansera & Fressoli (2021)				x	
Rochoń (2021)		x			
Siebert (2021)				x	
Smith et al. (2021)				x	
Țurcan & Ciloci (2021)		x			
Yunus et al. (2021)				x	
Alenda-Demoutiez (2022)			x		

Artigos	Categoria dos Modelos				
	Convencional	Verde	Sustentável	Restaurativo	Regenerativo
Hereu-Morales & Valderrama (2022)				x	
Huntjens & Kemp (2022)			x		
Kara et al. (2022)		x			
Moranta et al. (2022)				x	
Ren et al. (2022)				x	
Riedy & Waddock (2022)					x
Stephan (2022)		x			
Voulvoulis (2022)		x			
Wang et al. (2022)		x			
TOTAL	2	21	11	18	12

Existe prevalência de abordagens com DV (sustentabilidade técnica), representando 33% (n=21). O DR (sustentabilidade ecológica), surge de seguida, perfazendo 28% (n=18). No geral, modelos de sustentabilidade ecológica estão em maior número. DV e DR apresentam indícios de crescimento ao longo dos 3,6 anos estudados (Figura 7), enquadrado na homogeneidade de artigos por ano.

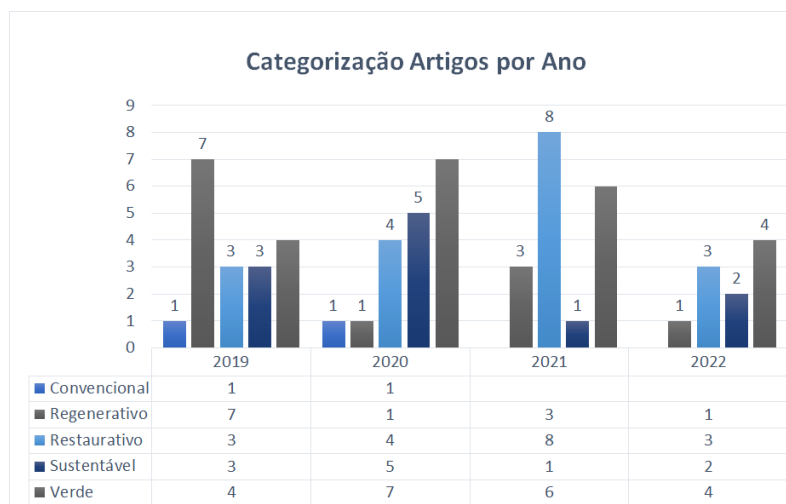


Figura 7. Número de Artigos por Categoria e Ano (N=64)

Os dados revelam heterogeneidade de revistas, com 64% (n=41) dos artigos publicados em revistas distintas. A revista “Sustainability” publicou mais artigos, representando 19% (n=12), dos quais 8% (n=5) categorizados como DVs (Figura 8). No total, esta revista contribuiu com 24% (n=5) de artigos de DV, sendo a única com mais que um artigo publicado deste tipo. Este contributo pode estar na origem da expressão dos DVs, tornando mais relevante o DR.

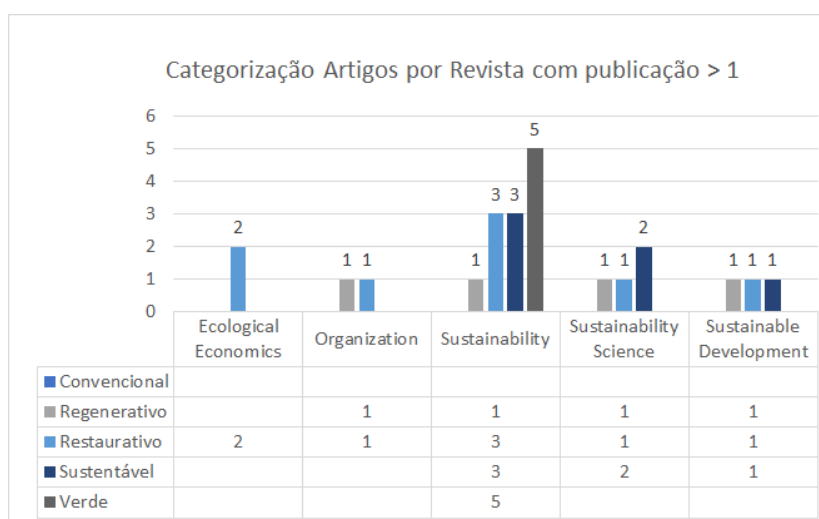


Figura 8. Categorização dos Artigos por Revistas com mais que uma publicação (n=23)

3.1 Modelos Design Verde

Os DVs otimizam os recursos utilizados, com energias e recursos ambientalmente amigáveis. Dos artigos assim categorizados, identificam-se abordagens alternativas essencialmente relacionados com EC e EV (abordagens de bioeconomia e economia partilhada também foram identificados em minoria). A EC promove utilização eficiente dos recursos naturais, enquanto a EV, a redução da utilização de recursos naturais através do uso de energias renováveis, encaixando-se na conceptualização de DVs de Mang & Reed (2018).

3.1.1 Economia Circular

Aproximadamente 38% (n=8) dos artigos Verdes discutem EC, abordando a sua sustentabilidade, compatibilidade com o modelo de crescimento atual, transição, possibilitando uma visão abrangente desta temática. Para alguns, a EC pode maximizar o valor dos recursos naturais, reduzir emissões de gases de efeito estufa e contribuir para a adaptação climática (Pamukçu, 2020), e o crescimento sustentável pode ser alcançado (Lin, 2020). Mas há críticas à integração da circularidade no C consumista, com o risco do "Efeito Ricochete" (secção 1.1), i.e. eficiências conduzirem ao aumento do consumo (Zink & Geyer, 2017). Portanto, para outros, a dissociação do CE e recursos naturais é importante (Voulvoulis, 2022).

A EC não conseguirá fechar o fluxo de materiais, requerendo uma transformação do atual sistema económico baseado no crescimento (Kara et al., 2022). A circularidade requer energia e recursos que aumentam não linearmente, sendo inviável a reversibilidade completa sem o uso da energia solar (Stephan, 2022), alinhando com outras abordagens que relacionam EC e EV. Numa transição no MSE atual, autores como Voulvoulis (2022) enfatiza o papel das empresas e Turcan & Ciloci (2021) sugere diferentes modelos de negócios, adaptações institucionais, regulatórias, económicas, educacionais, culturais e inovadoras. O debate é intenso, contribuindo para o volume de modelos de DV.

3.1.2 Economia Verde

33% (n=7) dos modelos verdes concentram-se numa EV. A transição é o tema mais discutido, assumindo um crescimento verde. Para um crescimento sustentável, é necessário a transição para energias renováveis - pelo menos, mais célere - (Rochoń, 2021).

Apesar do desenvolvimento da tecnologia verde, medidas restritivas, como leis e regulamentos, são necessárias para reduzir externalidades negativas (Mikhno et al., 2021). Os investimentos em tecnologias verdes criam eficiências energéticas, com o crescimento verde a impulsionar emprego (Tuğaç, 2020). Por outro lado, crescimento verde das empresas implica um consumo reduzido de recursos (Mihăilă et al., 2020), e, no geral, redução da intensidade energética da produção (princípios do DE) com transição para energias renováveis (Grace, 2020), alinhando com uma EC. Por outro lado, existem desafios na transição para energias renováveis, devido à gestão dos recursos naturais por entidades privadas ou transferência dos custos socioecológicos para outras regiões do globo, sendo necessário o reconhecimento dos limites biofísicos do CE (Brand et al., 2020).

Esta perspetiva alinha-se com críticas à EC, sendo minoritária na literatura de EV, havendo tendência para coexistência com crescimento verde, tal como referido pela OCDE (Nações Unidas, 2022b). Este debate sobre a materialização da transição contribui para o volume de DVs.

3.2 Modelos Design Restaurativo

Os DRs são harmoniosos com meio ambiente e restabelecem a plenitude. A maioria dos artigos apresentam abordagens de DE, propondo a redução da produção, consumo, CE, para permitir a recuperação ambiental. Identificam-se outras abordagens alternativas, propondo alterar o C para, por exemplo, eco-socialismo.

Todos eles, ainda que centrados na dimensão económica, orientam as atividades económicas para a restauração do meio ambiente, como no Desenvolvimento Restaurador de Cunningham (2002) - secção 1.2.

3.2.3 Decrescimento da Economia

56% (n=10) dos modelos de DR defendem redução dos fluxos de materiais, energia e recursos, estabilizando ou diminuindo CE, para permitir restauração da natureza num estado anterior favorável (Cambridge Dictionary, 2023) – secção 1.2, essencial para alinhar economia e mundo de forma harmoniosa (Hickel, 2021, secção 1.1), e congruente com o DR de Mang & Reed (2018), que contribui para um sistema integrado focado na plenitude. DE não é compatível com CE da Economia Restauradora de Cunningham (2002) – secção 1.2. São propostas novas formas de organizações sem foco no crescimento, com reestruturação das instituições políticas, financeiras, científicas (Pansera & Fressoli, 2021), e duas trajetórias para um decrescimento de longo prazo: uma reorientação do MSE em resposta ao seu colapso; ou uma perspectiva "pluriversal", na qual crescimento deixa de ser prioridade (Vandeventer et al., 2019). Numa outra ótica, DE alia-se à EC, permitindo regeneração e desaceleração do fluxo de materiais (Schröder et al., 2019). No entanto, surgem críticas: "B Corps" que não adotam completamente os princípios do decrescimento, mas sim os de crescimento verde (Hankammer et al., 2021); melhorias de curto prazo parecem ser temporárias, havendo dúvidas sobre se a desaceleração sistémica seja solução (Cantone et al., 2021); necessidade de aliar decrescimento à redistribuição, priorizando cuidados e equidade global (Nicoson, 2021). A literatura de DE foca-se em argumentos a favor (maioritariamente) e contra, contribuindo para DRs em mais de metade.

3.2.4 Novo Capitalismo, Eco-Socialismo, Pós-Capitalismo

No DR, com restabelecimento da plenitude do meio ambiente (Mang & Reed, 2018), identificaram-se, adicionalmente, abordagens alternativas com ajustes ao C ou mudanças mais radicais, perfazendo 44% (n=8). Três tipos de transformação podem ocorrer: adaptação incremental dentro dos sistemas institucionais existentes, mudanças institucionais que promovem uma nova fase "verde" do C, ou grande transformação pós-capitalista implicando uma mudança estrutural profunda no modo de produção/viver (Pichler et al., 2020). Socialismo alia-se à ecologia, propondo uma abordagem marxista ecológica, com ESG a ajudar as estratégias marxistas (e seus desafios político-económicos estruturais) na democratização e desenvolvimento institucional (Albert, 2020); e um desenvolvimento sustentável não capitalista eco-socialista inspirado em Marx (Siebert, 2021). Mas, a sustentabilidade ambiental não será alcançável através de melhores condições laborais, redução da desigualdade e proteção ambiental dentro do C (Ansari et al., 2020). Por outro lado, é apresentado um modelo de transição por zonas económicas para economias contemporâneas, demonstrando existirem caminhos de longo prazo para subverter estruturas capitalistas a partir de dentro, com aposta nos negócios locais, trabalho não pago, serviço público, ao invés dos benefícios de curto prazo (Bärnthaler et al., 2021). Considerando a insustentabilidade de C, surge uma visão de sustentabilidade baseada na sociedade: priorização do pilar ambiental, o pilar social com papel secundário, e a economia considerada característica flexível da sociedade (Hereu-Morales & Valderrama, 2022). Os DRs, com estas visões alternativas, integram a segunda categoria mais dominante.

No geral, à medida que o Design Ecológico evolui segundo o MTDE, dos convencionais até aos regenerativos, o tipo de conteúdo evolui, focando-se em metodologias ou formas de transição, e, posteriormente, abordagens que desafiam características do C. A maioria do conteúdo da literatura estudada foca-se na exequibilidade e efetividade das abordagens alternativas propostas (modelos, conceitos, argumentos a favor e contra), e na transição necessária, i.e. impactos. A aplicação prática e papel do estado foram minoritários, ainda que mencionados de forma indireta nos restantes.

4. Conclusões

Os impactos das atividades económicas no ambiente são cada vez mais notórios, havendo poucas certezas das alternativas socioeconómicas que revertam este cenário. O presente artigo procura responder à questão “Terão os próximos MSEs alternativos e sustentáveis um DR, segundo o MTDE?”.

Realizou-se uma RSL de modelos alternativos sustentáveis, através da plataforma B-on, utilizando a Trajetória do Design Ecológico de Mang & Reed (2018) para categorizar e compreender os 64 artigos selecionados consoante os critérios de inclusão e exclusão da Figura 2. O rigor da RSL permitiu analisar uma literatura dispersa e ambígua, e a técnica de análise textual identificar tendências de conteúdo.

Os DV, que advogam a otimização da utilização de recursos naturais e energias renováveis, representam a categoria dominante com 33% (n=21), baseados na EC e EV. Em seguida, surgem os DR (28%, n=18), com foco no restabelecimento do estado de plenitude do meio ambiente (Mang & Reed, 2018), abordando DE e outras alternativas. Estes modelos Verde e Restaurativo ganham relevância ao longo do período estudado. Uma única revista publicou uma parte relevante dos DV podendo constituir um viés, aportando o DR maior importância. Os dados sugerem não haver um MSE sustentável dominante substituto do C, debatendo-se: compatibilidade da mudança com o C, adaptação do C ou alteração radical. A literatura verde foca-se na transição para modelos verdes, e, na EC, na efetiva sustentabilidade e compatibilidade com o C. A literatura Restaurativa discute a exequibilidade do DE e apresenta visões alternativas, mais ou menos radicais, ao C. À medida que o tipo de Design Ecológico evolui segundo o MTDE, também evolui o conteúdo, desde metodologias e formas de transição para teorização abstrata de abordagens alternativas com características pós-capitalistas. Apesar do apoio à EC, há também cruzamento com EV e papel das empresas e estado na sua transição. Os críticos à EV também se suportam em EC e no apoio do estado para leis e regulamentos. A EV é compatível com crescimento, mas encaixa nas críticas do Efeito Ricochete (Zink & Geyer, 2017) da EC. O DE não é compatível com CE, ao contrário do inicialmente identificado como característica da Economia Restauradora (Cunningham, 2002), e implica reestruturação organizacional e institucional sem foco no crescimento, talvez com aliança com EC.

As críticas ao DE focam-se na sua efetividade e sugere-se aliar-se ao Socialismo (ecológico), tendência nas restantes abordagens alternativas do DR, como na economia contemporânea de Bärnthaler et al. (2021): local, equitativa e de serviço público.

A literatura foca-se em modelos alternativos, conceitos, argumentos, impactos; com o conteúdo prático e papel do estado em minoria, constituindo uma boa oportunidade de investigação futura.

Este estudo identifica os designs dominantes, correntes de pensamento subjacentes, tendências e temas predominantes. Espera-se motivar investigações futuras nesta área, oferecendo uma visão abrangente da literatura dos MSEs sustentáveis alternativos. No entanto, identificam-se limitações: inclusão de diferentes tipos de artigos, critério de exclusão “foco em certa tecnologia” possivelmente impactando o design convencional, eventual viés do investigador principal, pressupostos na comparação de modelos.

5. Referências

- Adloff, F. (2021). Capitalism and Civil Society Revisited or: Conceptualizing a Civil, Sustainable and Solidary Economy. *International Journal of Politics, Culture, and Society*, 34(2), 149–159. <https://doi.org/10.1007/s10767-020-09373-5>
- Adloff, F., & Neckel, S. (2019). Futures of sustainability as modernization, transformation, and control: a conceptual framework. *Sustainability Science*, 14(4), 1015–1025. <https://doi.org/10.1007/s11625-019-00671-2>
- Akamani, K. (2020). Integrating Deep Ecology and Adaptive Governance for Sustainable Development: Implications for Protected Areas Management. *Sustainability*, 12(14), 5757. <https://doi.org/10.3390/su12145757>
- Albert, M. J. (2020). Capitalism and earth system governance: an ecological marxist approach. *Global Environmental Politics*, 20(2), 37–56. https://doi.org/10.1162/glep_a_00546
- Alenda-Demoutiez, J. (2022). From economic growth to the human: reviewing the history of development visions over time and moving forward. *Third World Quarterly*, 43(5), 1038–1055. <https://doi.org/10.1080/01436597.2022.2042680>
- Ansari, J. A., Siddiqui, A. H., & Ali, S. A. (2020). An Evaluation of the Marxist Approach to the Environmental Crises. *New Horizons*, 14(1), 167–184. <https://doi.org/10.2.9270/NH.14.1>
- Asara, V., Otero, I., Demaria, F., & Corbera, E. (2015). Socially sustainable degrowth as a social–ecological transformation: repoliticizing sustainability. In *Sustainability Science* (Vol. 10, Issue 3, pp. 375–384). Springer Tokyo. <https://doi.org/10.1007/s11625-015-0321-9>
- Banerjee, S. B., Jermier, J. M., Peredo, A. M., Perey, R., & Reichel, A. (2021). Theoretical perspectives on organizations and organizing in a post-growth era. *Organization*, 28(3), 337–357. <https://doi.org/10.1177/1350508420973629>
- Bärnthaler, R., Novy, A., & Plank, L. (2021). The Foundational Economy as a Cornerstone for a Social–Ecological Transformation. *Sustainability*, 13(18), 10460. <https://doi.org/10.3390/su131810460>
- Bithas, K. (2020). A bioeconomic approach to sustainable development: Incorporating ecological thresholds within intergenerational efficiency. *Sustainable Development*, 28(4), 772–780. <https://doi.org/10.1002/sd.2027>
- Brand, U., Görg, C., & Wissen, M. (2020). Overcoming neoliberal globalization: social-ecological transformation from a Polanyian perspective and beyond. *Globalizations*, 17(1), 161–176. <https://doi.org/10.1080/14747731.2019.1644708>
- Byers, V., & Gilmer, A. (2021). The Challenge of Sustainable Consumption for Governance and Policy Development—A Systematic Review. *Sustainability*, 13(12), 6723. <https://doi.org/10.3390/su13126723>

- Callinicos, A. (2011). *The Revolutionary Ideas of Karl Marx* (3rd ed.). Haymarket Books.
- Cambridge Dictionary. (2023). Restoration. <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/restoration>
- Cantone, B., Antonarakis, A. S., & Antoniadis, A. (2021). The great stagnation and environmental sustainability: A multidimensional perspective. *Sustainable Development*, 29(3), 485–503. <https://doi.org/10.1002/sd.2195>
- Clune, W. H., & Zehnder, A. J. B. (2020). The evolution of sustainability models, from descriptive, to strategic, to the three pillars framework for applied solutions. *Sustainability Science*, 15(3), 1001–1006. <https://doi.org/10.1007/s11625-019-00776-8>
- Costa, A. P., & Amado, J. (2018). *Análise Conteúdo Suportada por Software* (2nd ed.). Ludomedia. www.ciaiq.org
- Cunningham, S. (2002). *The Restoration Economy: The Greatest New Growth Frontier*. Berrett-Koehler Publishers.
- de Vries, H., Donner, M., & Axelos, M. (2021). A New Conceptual ‘Cylinder’ Framework for Sustainable Bioeconomy Systems and Their Actors. *Journal of Agricultural and Environmental Ethics*, 34(2), 11. <https://doi.org/10.1007/s10806-021-09850-7>
- Esteves, A. M., Genus, A., Henfrey, T., Penha-Lopes, G., & East, M. (2021). Sustainable entrepreneurship and the Sustainable Development Goals: Community-led initiatives, the social solidarity economy and commons ecologies. *Business Strategy and the Environment*, 30(3), 1423–1435. <https://doi.org/10.1002/bse.2706>
- Feola, G., & Jaworska, S. (2019). One transition, many transitions? A corpus-based study of societal sustainability transition discourses in four civil society’s proposals. *Sustainability Science*, 14(6), 1643–1656. <https://doi.org/10.1007/s11625-018-0631-9>
- Ferraz, D., Falguera, F. P. S., Mariano, E. B., & Hartmann, D. (2021). Linking Economic Complexity, Diversification, and Industrial Policy with Sustainable Development: A Structured Literature Review. *Sustainability*, 13(3), 1265. <https://doi.org/10.3390/su13031265>
- Finley, E. (2019). Beyond the Limits of Nature: A Social-ecological Perspective on Degrowth as a Political Ideology. *Capitalism, Nature, Socialism*, 30(2), 244–250. <https://doi.org/10.1080/10455752.2018.1499122>
- Ford, L., & Kuetting, G. (2020). Discourses of degrowth: New value systems for global environmental governance. *Ephemera: Theory & Politics in Organization*, 20(4), 283–306. www.ephemerajournal.org
- Gazzola, P., Vătămănescu, E. M., Andrei, A. G., & Marrapodi, C. (2019). Users’ motivations to participate in the sharing economy: Moving from profits toward sustainable development. *Corporate Social Responsibility and Environmental Management*, 26(4), 741–751. <https://doi.org/10.1002/csr.1715>
- Grace, W. (2020). Engineering the transition to sustainability. *Australian Journal of Multi-Disciplinary Engineering*, 16(1), 2–12. <https://doi.org/10.1080/14488388.2019.1693885>
- Hankammer, S., Kleer, R., Mühl, L., & Euler, J. (2021). Principles for organizations striving for sustainable degrowth: Framework development and application to four B Corps. *Journal of Cleaner Production*, 300, 126818. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2021.126818>
- Hereu-Morales, J., & Valderrama, C. (2022). Towards a Sustainability-Based Society: An Analysis of Fundamental Values from the Perspective of Economics and Philosophy. *Sustainability*, 14(14), 8722. <https://doi.org/10.3390/su14148722>
- Hickel, J. (2021). What does degrowth mean? A few points of clarification. *Globalizations*, 18(7), 1105–1111. <https://doi.org/10.1080/14747731.2020.1812222>
- Hinderer, S., Brändle, L., & Kuckertz, A. (2021). Transition to a Sustainable Bioeconomy. *Sustainability*, 13(15), 8232. <https://doi.org/10.3390/su13158232>

- Hirvilammi, T. (2020). The Virtuous Circle of Sustainable Welfare as a Transformative Policy Idea. *Sustainability*, 12(1), 391. <https://doi.org/10.3390/su12010391>
- Huntjens, P., & Kemp, R. (2022). The Importance of a Natural Social Contract and Co-Evolutionary Governance for Sustainability Transitions. *Sustainability*, 14(5), 2976. <https://doi.org/10.3390/su14052976>
- International Monetary Fund. (2023). Capitalism. <https://www.imf.org/en/Publications/fandd/issues/Series/Back-to-Basics/Capitalism>
- Kallis, G., Kerschner, C., & Martinez-Alier, J. (2012). The economics of degrowth. In *Ecological Economics* (Vol. 84, pp. 172–180). <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2012.08.017>
- Kara, S., Hauschild, M., Sutherland, J., & McAloone, T. (2022). Closed-loop systems to circular economy: A pathway to environmental sustainability? *CIRP Annals - Manufacturing Technology*, 71(2), 505–528. <https://doi.org/10.1016/j.cirp.2022.05.008>
- Köhler, J., Geels, F. W., Kern, F., Markard, J., Onsong, E., Wieczorek, A., Alkemade, F., Avelino, F., Bergek, A., Boons, F., Fünfschilling, L., Hess, D., Holtz, G., Hyysalo, S., Jenkins, K., Kivimaa, P., Mar-tiskainen, M., McMeekin, A., Mühlemeier, M. S., ... Wells, P. (2019). An agenda for sustainability transitions research: State of the art and future directions. *Environmental Innovation and Societal Transitions*, 31, 1–32. <https://doi.org/10.1016/j.eist.2019.01.004>
- Kostetska, K., Khumarova, N., Umanska, Y., Shmygol, N., & Koval, V. (2020). Institutional Qualities of In-clusive Environmental Management in Sustainable Economic Development. *Management Systems in Production Engineering*, 28(1), 15–22. <https://doi.org/10.2478/mspe-2020-0003>
- Krueger, R., Schulz, C., & Gibbs, D. C. (2018). Institutionalizing alternative economic spaces? An inter-pretivist perspective on diverse economies. *Progress in Human Geography*, 42(4), 569–589. <https://doi.org/10.1177/0309132517694530>
- Lin, B. C. ang. (2020). Sustainable Growth: A Circular Economy Perspective. *Journal of Economic Issues*, 54(2), 465–471. <https://doi.org/10.1080/00213624.2020.1752542>
- Mang, P., & Reed, B. (2018). Regenerative Development and Design. Em Meyers, R. (eds) *Encyclopedia Sustainability Science & Technology*. Springer, Nova Iorque. https://doi.org/10.1007/978-1-4939-2493-6_303-3
- Mayring, P. (2014). *Qualitative Content Analysis Theoretical Foundation, Basic Procedures and Software Solution*. GESIS Leibniz-Institut für Sozialwissenschaften. www.beltz.de
- Mihăilă, M., Bodescu, D., & Robu, M. (2020). Promoting the green business - a pillar of the sustainable development. *Lucrări Științifice*, 63(2), 187–190.
- Mikhno, I., Koval, V., Shvets, G., Garmatiuk, O., & Tamošiūnienė, R. (2021). Green Economy In Sustainable Development And Improvement Of Resource Efficiency. *Central European Business Review*, 10(1), 99–113. <https://doi.org/10.18267/j.cebr.252>
- Moranta, J., Torres, C., Murray, I., Hidalgo, M., Hinz, H., & Gouraguine, A. (2022). Transcending capitalism growth strategies for biodiversity conservation. *Conservation Biology*, 36(2). <https://doi.org/10.1111/cobi.13821>
- Mulvale, J. P. (2019). Social-Ecological Transformation and the Necessity of Universal Basic Income. *Social Alternatives*, 38(2), 39–46.
- Nações Unidas. (2022a). Green economy. <https://sustainabledevelopment.un.org/index.php?menu=1446>
- Nações Unidas. (2022b). Green growth. <https://sustainabledevelopment.un.org/index.php?menu=1447>
- Neag, M.-M., & Halmaghi, E.-E. (2019). Correlation Between Human Development and Sustainable Development – Condition of Human Security. *Scientific Bulletin*, 24(1), 52–60. <https://doi.org/10.2478/bsaft-2019-0006>

- Nicoson, C. (2021). Towards climate resilient peace: an intersectional and degrowth approach. *Sustainability Science*, 16(4), 1147–1158. <https://doi.org/10.1007/s11625-021-00906-1>
- Pamukçu, K. (2020). Implementation of Sustainable Development Goals Through the Equimarginal Principle and Circular Economy. *Istanbul Journal of Economics / İstanbul İktisat Dergisi*, 70(2), 267–286. <https://doi.org/10.26650/ISTJECON2020-804635>
- Pansera, M., & Fressoli, M. (2021). Innovation without growth: Frameworks for understanding technological change in a post-growth era. *Organization*, 28(3), 380–404. <https://doi.org/10.1177/1350508420973631>
- Parlamento Europeu. (2023). Circular economy: definition, importance and benefits. <https://www.europarl.europa.eu/news/en/headlines/economy/20151201STO05603/circular-economy-definition-importance-and-benefits>
- Pichler, M., Brand, U., & Görg, C. (2020). The double materiality of democracy in capitalist societies: challenges for social-ecological transformations. *Environmental Politics*, 29(2), 193–213. <https://doi.org/10.1080/09644016.2018.1547260>
- Pineault, E. (2019). From Provocation to Challenge: Degrowth, Capitalism and the Prospect of “Socialism without Growth”: A Commentary on Giorgos Kallis. *Capitalism, Nature, Socialism*, 30(2), 251–266. <https://doi.org/10.1080/10455752.2018.1457064>
- Raworth, K. (2017). A Doughnut for the Anthropocene: humanity’s compass in the 21st century. In *The Lancet Planetary Health* (Vol. 1, Issue 2, pp. e48–e49). Elsevier B.V. [https://doi.org/10.1016/S2542-5196\(17\)30028-1](https://doi.org/10.1016/S2542-5196(17)30028-1)
- Reed, B. (2007). Shifting from “sustainability” to regeneration. *Building Research and Information*, 35(6), 674–680. <https://doi.org/10.1080/09613210701475753>
- Ren, F., Wang, J., & Lv, W. (2022). Confucian harmony and the idea of sustainable development in modern society. *Trans/Form/Ação*, 45(spe2), 37–58. <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2022.v45esp2.p37>
- Rezny, L., White, J. B., & Maresova, P. (2019). The knowledge economy: Key to sustainable development? *Structural Change and Economic Dynamics*, 51, 291–300. <https://doi.org/10.1016/j.strueco.2019.02.003>
- Riedy, C., & Waddock, S. (2022). Imagining transformation: Change agent narratives of sustainable futures. *Futures*, 142, 103010. <https://doi.org/10.1016/j.futures.2022.103010>
- Rochoń, M. P. (2021). Convergence in Green Growth as the Key to Fighting Climate Change, 1990–2019. *Energies*, 14(24), 8324. <https://doi.org/10.3390/en14248324>
- Sato, C., & Soto Alarcón, J. M. (2019). Toward a postcapitalist feminist political ecology’ approach to the commons and commoning. *International Journal of the Commons*, 13(1), 36–61. <https://doi.org/10.18352/ijc.933>
- Schmid, B. (2019). Degrowth and postcapitalism: Transformative geographies beyond accumulation and growth. *Geography Compass*, 13(11). <https://doi.org/10.1111/gec3.12470>
- Schneider, P., Folkens, L., Meyer, A., & Faulk, T. (2019). Sustainability and Dimensions of a Nexus Approach in a Sharing Economy. *Sustainability*, 11(3), 909. <https://doi.org/10.3390/su11030909>
- Schröder, P., Bengtsson, M., Cohen, M., Dewick, P., Hoffstetter, J., & Sarkis, J. (2019). Degrowth within – Aligning circular economy and strong sustainability narratives. In *Resources, Conservation and Recycling* (Vol. 146, pp. 190–191). Elsevier B.V. <https://doi.org/10.1016/j.resconrec.2019.03.038>
- Scott, B. R. (2006). *The Political Economy of Capitalism*.
- Siebert, J. (2021). The greening of uneven and combined development: IR, capitalism and the global ecological crisis. *Cambridge Review of International Affairs*, 34(2), 164–185. <https://doi.org/10.1080/09557571.2020.1823943>

- Singh, B., Keitsch, M. M., & Shrestha, M. (2019). Scaling up sustainability: Concepts and practices of the ecovillage approach. *Sustainable Development*, 27(2), 237–244. <https://doi.org/10.1002/sd.1882>
- Sklair, L. (2002). Democracy and the Transnational Capitalist Class. *Annals, AAPSS*, 581, 144–157.
- Slusariuc, G., & Nimară, C. (2020). The Impact of Bioeconomy on the Sustainable Development. *Annals of the University of Petrosani, Mining Engineering*, 21, 260–265.
- Smith, T. S. J., Baranowski, M., & Schmid, B. (2021). Intentional degrowth and its unintended consequences: Uneven journeys towards post-growth transformations. *Ecological Economics*, 190, 107215. <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2021.107215>
- Stanford Encyclopedia of Philosophy. (2023). Socialism. <https://plato.stanford.edu/Entries/socialism/>
- Steffen, W., Richardson, K., Rockström, J., Cornell, S. E., Fetzer, I., Bennett, E. M., Biggs, R., Carpenter, S. R., de Vries, W., de Wit, C. A., Folke, C., Gerten, D., Heinke, J., Mace, G. M., Persson, L. M., Rama-nathan, V., Reyers, B., & Sörlin, S. (2015). Planetary boundaries: Guiding human development on a changing planet. *Science*, 347(6223). <https://doi.org/10.1126/science.1259855>
- Stephan, G. (2022). Circular Economy: Illusion or First Step towards a Sustainable Economy: A Physico-Economic Perspective. *Sustainability*, 14(8), 4778. <https://doi.org/10.3390/su14084778>
- Thygesen, N. (2019). The gift economy and the development of sustainability. *Local Economy*, 34(6), 493–509. <https://doi.org/10.1177/0269094219882261>
- Tóth, G. (2019). Circular Economy and its Comparison with 14 Other Business Sustainability Movements. *Resources*, 8(4), 159. <https://doi.org/10.3390/resources8040159>
- Trainer, T. (2017). 'Can renewables meet total Australian energy demand: A "disaggregated" approach. *Energy Policy*, 109, 539–544. <https://doi.org/10.1016/j.enpol.2017.07.040>
- Tuğaç, Ç. (2020). Green Growth, Just Transition and Decent Works in the context of Sustainable Development and Combatting Climate Change. *Alternatif Politika*, 12(3), 424–457.
- Țurcan, I., & Ciloci, R. (2021). Circular Economy and Sustainable Business Development. *The USV Annals of Economics & Public Administration*, 21(1), 7–12.
- Vandeventer, J. S., Cattaneo, C., & Zografos, C. (2019). A Degrowth Transition: Pathways for the Degrowth Niche to Replace the Capitalist-Growth Regime. *Ecological Economics*, 156, 272–286. <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2018.10.002>
- Voulvoulis, N. (2022). Transitioning to a sustainable circular economy: The transformation required to decouple growth from environmental degradation. *Frontiers in Sustainability*, 3. <https://doi.org/10.3389/frsus.2022.859896>
- Wang, D., Yan, L., Ruan, F., & Zeng, X. (2022). An Abductive Analysis of Debates on the Impact of the Sharing Economy: A Systematic Review in a Sustainable Framework. *Sustainability*, 14(7), 3996. <https://doi.org/10.3390/su14073996>
- Weber, H., & Weber, M. (2020). When means of implementation meet Ecological Modernization Theory: A critical frame for thinking about the Sustainable Development Goals initiative. *World Development*, 136, 105129. <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2020.105129>
- Weigend Rodríguez, R., Pomponi, F., & D'Amico, B. (2019). Futures Studies & the Circular Economy: an Interdisciplinary Approach to Sustainable Development. *Economía Creativa*, 11, 38–60. <https://doi.org/10.46840/ec.2019.11.03>
- Williams, R. I., Clark, L. A., Clark, W. R., & Raffo, D. M. (2021). Re-examining systematic literature re-view in management research: Additional benefits and execution protocols. *European Management Journal*, 39(4), 521–533. <https://doi.org/10.1016/j.emj.2020.09.007>

Yeshchenko, M., Fasolko, T., Dolgaleva, O., Mykhalchenko, H., & Udovychenko, I. (2020). Legal Provision of the State Administration of the Ecological Component of Sustainable Socio-Economic Development. *Management Theory and Studies for Rural Business and Infrastructure Development*, 42(4), 415–421.
<https://doi.org/10.15544/mts.2020.42>

Yunus, M., Biggeri, M., & Testi, E. (2021). Social Economy and Social Business Supporting Policies for Sustainable Human Development in a Post-COVID-19 World. *Sustainability*, 13(21), 12155.
<https://doi.org/10.3390/su132112155>

Zink, T. (2019). The Inevitable Labor and Environmental Crises and the Need for a New Economic System. *Journal of Management Inquiry*, 28(3), 311–315. <https://doi.org/10.1177/1056492619827382>

Zink, T., & Geyer, R. (2017). Circular Economy Rebound. *Journal of Industrial Ecology*, 21(3), 593–602.
<https://doi.org/10.1111/jiec.12545>

Miriam Telma Silva Soares

ISEG – Higher Institute of Economics and Management at the University of Lisbon, Portugal

 <https://orcid.org/0009-0000-6942-9241>

✉ miriam.soares@aln.iseg.ulisboa.pt

Manuel Duarte Mendes Monteiro Laranja

ISEG – Higher Institute of Economics and Management at the University of Lisbon, Portugal

 <https://orcid.org/0000-0002-4794-7950>

✉ mlaranja@iseg.ulisboa.pt